

Especificidades das organizações curriculares e práticas pedagógicas nas instituições de ensino para o ensino básico e pré-escolar – as expressões artísticas

Helena Santana

(hsantana@ca.ua.pt)

Departamento de Comunicação de Arte, Universidade de Aveiro

Rosário Santana

(rosariosantana@ipg.pt)

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico da Guarda

Práticas pedagógicas: objectivos e modelos organizativos

Caminhamos cada vez mais no sentido de uma educação voltada para a satisfação das necessidades da criança de acordo com os seus gostos e interesses, e através de experiências onde o sentido estético se encontra em constante mutação e aperfeiçoamento, em função do seu estado afectivo e experiências pessoais. Sendo a aprendizagem artística e a experiência estética aspectos tão importantes na vida humana, Educadores e Professores deverão contribuir para que estas tenham um papel relevante na educação. As artes, contribuindo de forma diversa e significativa para o desenvolvimento da criança, ajudam-na numa melhor interacção social, coordenação, concentração e memória. Cooperando de forma única na educação, promovem a aprendizagem, a compreensão, o sentimento e o divertimento, envolvendo as crianças de forma directa e prática na sua realização.

O jogo enquanto veículo de conhecimento e desenvolvimento

Iouri Lotman, em *La Structure du Texte Artistique*¹, analisa a importância do jogo como meio e veículo de conhecimento. Em vez de se opor ao conhecimento, o jogo conduz, através de uma actividade simulada, ao reconhecimento do real, assegurando o seu próprio desenvolvimento. Torna-se ainda num dos meios mais importantes de aquisição de conhecimentos e aprendizagem comportamentais. Permite ainda modelizar situações às quais a criança é alheia, constituindo um meio pelo qual esta substitui uma situação

¹ LOTMAN, Iouri, *La Structure du Texte Artistique*, Paris, Gallimard, 1973.

não convencional por uma convencional. A actividade dramática, recriando situações de ficção, estabelece convenções que, pela natureza das suas relações, afirmam plenamente o carácter lúdico do jogo.

Esta passagem do real ao lúdico oferece à criança uma série de vantagens. Primeiramente, o jogo permite recomeçar vezes sem fim. A criança domina o tempo, pára uma situação que não se sente capaz de prosseguir, recomeça se considerar que não teve tempo suficiente para assimilar os elementos precedentes, desenvolvendo, assim, capacidades atitudinais. Em segundo lugar, a natureza do jogo permite aprender a moldar na sua consciência, um sistema cujas regras podem e devem ser formuladas². Em terceiro lugar, o jogo permite, pela magia que possui, dominar o medo face a situações idênticas, conduzindo à actividade prática.

Inventar o seu mundo é uma actividade natural para a criança. Criando fantasias, perigos imaginários, tem o prazer de passar por diferentes dificuldades, superando inquietações e angústias momentâneas, controlando emoções. O jogo revela-se um instrumento de conhecimento, funcionando como modelo da realidade, reproduzindo-lhe aspectos vários nas suas regras. Estabelecendo uma relação dual entre o real e o convencional, a criança passa por uma fase onde o real é negado, seguindo-se uma fase onde, graças à observação das regras, o conteúdo puramente funcional se revela³. Por vezes, ficando completamente absorvidas pelo jogo, confundem-no com o real. É esta dualidade entre a consciência da convenção e o seu esquecimento que cria a natureza específica do jogo. Quando deixamos de acreditar, ou quando nos recusamos a acreditar nele, destruímo-lo.

É preciso acreditar na sua capacidade transformadora para que os elementos se transformem, tornando-se sinais irrisórios do real; a materialização da imaginação torna difícil a manutenção do carácter lúdico duma improvisação. Note-se que as crianças entram facilmente num universo imaginário, criando, sem grande esforço, um complicado sistema de convenções. No entanto, é nesta relação metafórica que o jogo e, em especial, o jogo dramático mantém com o mundo que preserva a cada momento, que se avalia o êxito e a força da metáfora. Sendo o jogo uma actividade própria da criança,

² Verificamos que, se a criança não implementou o seu modelo, ou se entrou num jogo imposto por um outro jogador, tem maior dificuldade na implementação das regras.

³ A psicologia interroga-se por vezes acerca da natureza exacta da actividade da criança e da facilidade com que esta parece fechar-se, perdendo, por vezes, o contacto com o real.

alguns psicólogos distinguem uma categoria de jogos ditos sérios que se opõem de forma clara aos de puro divertimento e descontração.

O jogo musical dramático

O jogo musical dramático é um dos meios mais valiosos e completos de educar. Abrangendo quase todos os aspectos importantes do desenvolvimento da criança, pode tomar uma grande diversidade de formas, que, reguladas segundo os objectivos, as idades e os meios de que se dispõe, se tornam numa das principais formas de actividade. À criança, ajuda-a eficazmente no seu processo de desenvolvimento fomentando-lhe a expressividade, criatividade e consciência de valores, promovendo o seu relacionamento social. As actividades em grupo onde colaboram todos os membros unem as suas acções num objectivo comum, facilitando ao Educador o conhecimento de diferentes manifestações da sua personalidade. Permite ainda uma melhor aquisição de conhecimentos, uma melhor adaptação ao meio, oferecendo-lhe excelentes meios de expressão e projecção da sua fantasia, emotividade e sensibilidade. Um dos seus objectivos é o desenvolvimento da expressão, elemento que conduz à expressão livre de todos os desejos e tensões; um outro, a criação, revela-se, ao mesmo tempo, uma necessidade de expressão e o principal elemento do jogo dramático.

A actividade expressiva e criativa da criança desenvolve-se a partir da sua imaginação e pensamento⁴. Tal como tem necessidade de respirar e de comer, a criança tem necessidade de brincar, a actividade mais séria e importante da sua vida. A forma de jogo mais utilizado é o faz-de-conta, permitindo-lhe conquistar autonomia, formando o seu carácter. No jogo dramático, a criança experimenta-se, vive a sua imaginação, os seus sonhos e fantasias, provando a si mesma as suas capacidades de transformação e imaginação numa ou outra situação. Jogando, é simultaneamente activa e passiva, exprime-se e observa os outros, sentindo-se capaz de actuar em conjunto, não temendo a

⁴ De notar que a eficácia de todo este processo só se revela na sua totalidade quando a criança actua com inteira liberdade no mundo que vai descobrindo, aprendendo por si, e na prática, a expressar-se e a entender-se com os demais, tomando decisões em conjunto, respeitando e entrando no campo das ideias dos outros, criando uma relação colectiva.

integração no colectivo⁵. Libertando as suas fantasias, o jogo proporciona-lhe liberdade de expressão, de criação e de comunicação.

A criança tem ainda absoluta necessidade de procurar no mundo da fantasia o refúgio e a oportunidade de viver experiências que lhe estariam vedadas no mundo real. Criando um mundo ilusório, funde-se intimamente com o imaginário, identificando-se com a personagem. É um desvio, pelo abstracto, um desvio tão importante, que o toma como a coisa mais séria da sua vida. Muito diferente daquilo que se designa normalmente por “vida séria”, nesta seriedade está presente uma fuga e uma passagem para o mundo da ilusão, no qual a criança mergulha profundamente, abstraindo-se por completo do mundo real.

A introdução dos jogos de expressão dramática num grupo fomenta inquietações e questões, apresentando algumas vantagens para o orientador, para a criança e para o grupo no seu conjunto. O jogo de expressão dramática ajuda a criança a adquirir aptidões, conduzindo o domínio do corpo, ao domínio da sensibilidade⁶.

O funcionamento em grupo apresenta, no entanto, condicionantes, pois a realização de actividades implica necessariamente a desordem e a desatenção. Verificar-se-á, depois de encontrado o clima sonoro, afectivo e pedagógico adequados, a transformação das relações interpessoais e intersociais das crianças com o grupo, o local de trabalho, o local dos jogos e o espaço informal. Verificar-se-á ainda, e de forma clara, a transformação das relações entre pares, e a transformação das relações entre elas e o orientador⁷.

O papel do jogo na educação

A Música, geradora de emoções, descobre-se nos sons através da sua identificação e análise. Classificá-los e analisá-los leva o indivíduo a produzi-los de acordo com

⁵ Os jogos colectivos, dando à criança a possibilidade de comunicação e de experimentação, libertam-na de todos os seus condicionamentos.

⁶ Em exemplo: dominar o corpo, mimar um combate, ou expressar-se utilizando elementos corpóreos.

⁷ Tal como as crianças, também o orientador se encontra numa situação de pesquisa, acolhendo o esperado e o inesperado, numa atitude ao mesmo tempo estimulante e desconfortável, numa situação em que não domina o espaço e a acção.

modelos propostos, ou a identificá-los a partir de fontes que apresentam matizes distintas.

A diferença entre som e ruído, clara do ponto de vista físico, é difícil de explicar à criança, sendo, por isso, necessário efectuar uma série de exercícios com vista à sua distinção. Não se trata de um problema de percepção, mas de um problema na aplicação de conceitos. Os ruídos serão identificados com sons da natureza, enquanto que o som tem na sua origem uma intenção. Serão elementos sonoros organizados no tempo e no espaço com uma determinada intenção, entoação e ritmo. Serão possuidores de elementos próprios como a altura, a intensidade, a duração e o timbre. A sucessão ordenada de sons, submetida a um determinado ritmo, constitui a melodia base por excelência. Sensível aos estímulos sonoros desde tenra idade, a criança revela-se capaz de distinguir os sons pela sua procedência e timbre descobrindo e pesquisando o mundo sonoro que a envolve através do jogo.

A Educação Musical “terá que ter um carácter progressivo, devendo acompanhar a criança em todo o seu processo evolutivo desde o Jardim de Infância, até aos níveis de Educação Superior, adaptando-se em cada momento às suas capacidades e interesses”⁸. Numa primeira fase, a criança aprende a escutar, a dar nome ao que vê e ouve, relacionando e organizando sons e experiências. “Apesar do ser humano ser dotado de capacidades de dominar um código linguístico com características complexas, nota-se a necessidade de recorrer às mais diversas formas artísticas, neste caso a música, para expressar conteúdos que não encontram significação satisfatória nas palavras”⁹. Através dos primeiros jogos de emissão/recepção de sinais, chegar-se-á à linguagem. Se não existirem, a criança interromperá ou atrasará o uso da linguagem. A sua experiência audio-fonatória será deficitária e a criança utilizará os sons unicamente para manifestar o desejo de satisfação das suas necessidades primárias. Desenvolver o ouvido é, pois, uma necessidade vital.

Os jogos, usados como meio de desenvolvimento de capacidades individuais, sociais e criativas, e desenvolvidos individualmente ou em grupo, utilizam-se como instrumentos de desenvolvimento pessoal e de integração do indivíduo num grupo. Teoricamente, o jogo comporta dois aspectos: o aspecto superficial (visto do exterior), e o aspecto

⁸ ORIOL, Nicolás, PARRA, José Maria, *La Expresión Musical en la educación básica*, Madrid, 1979, p.15.

⁹ SANTOS, José Rodrigues dos, *O que é a comunicação*, Difusão Cultural, Lisboa, 1992, p.10.

peculiar. Para o espectador externo, o jogo só se revela motivo de prazer quando apresenta competitividade. No entanto, na prática, verificamos que jogar é sair da rotina. Para os elementos que se entregam plenamente ao jogo, a realidade quotidiana não existe, sendo retomada quando este termina. Sendo igualmente reacção a determinado tipo de situação, jogar fascina e incita a agir até à absorção total. Nalguns casos extremos, pode tornar-se uma paixão. Jogar é também, e ao mesmo tempo, pensar, sentir e agir. Raras são as situações em que somos levados a pensar, agir e sentir em simultâneo. No entanto, no jogo, esta situação verifica-se, sendo uma combinação de faculdades emocionais, intelectuais e motoras o que o caracteriza.

Tendo um papel essencialmente educativo e formativo, os jogos não são um fim em si mesmos, mas um meio para alcançar esse fim. Utilizar a música e o som como suportes ao jogo é um desafio. Ao utilizá-los serão ultrapassadas as barreiras das normas musicais que podem dividir o grupo levando-o a encontrar-se no som. Qualquer que seja o jogo escolhido, o resultado será a aproximação musical, uma certa familiarização e conhecimento do material sonoro. Por outro lado, o jogador assimila inconscientemente noções básicas dos sistemas musicais que utiliza. A abertura de espírito para a música, conseguida desta forma, será mantida pela motivação que o próprio jogo propicia¹⁰.

Participando de forma activa nas várias formas de expressão musical, a criança será estimulada na sua faculdade de escutar. Introduzida no jogo de maneira informal, será proporcionado, a ela e ao grupo, um clima de confiança e de desinibição necessários a que cada um dos elementos seja ele próprio e revele, portanto, a sua personalidade.

Uma vez adquirido o sentimento de confiança entre os participantes, poder-se-á pôr a questão se o grupo estará ou não pronto a prosseguir uma formação musical mais estruturada¹¹. Sendo a criança capaz de utilizar todos os elementos que lhe foram ensinados, é capaz de exprimir e de receber mensagens literárias e musicais, vivendo a música antes de aprender quaisquer regras ou sintaxe. Note-se que o jogo musical deverá ser realizado e adquirido antes da aprendizagem.

¹⁰ Tornando-se fonte de divertimento, conduz a criança até ao som, até à música.

¹¹ Devemos, no entanto, permanecer atentos às necessidades individuais de cada participante, apelando à nossa capacidade imaginativa.

O nosso sistema de ensino privilegia o conhecimento intelectual, levando a criança a conhecer o nome das coisas, as referências dadas, mesmo não sabendo o que deve reconhecer. Não tendo a criança a experiência das coisas, para desenvolver esta sensibilidade, deveremos levá-las a desenvolver a prática do canto e da improvisação. Progressivamente, o educador observará o carácter, a atmosfera, o lado bom e um pouco misterioso da improvisação e, com a experiência que possui, efectuar observações sobre a harmonia e a melodia improvisadas. Desta forma, ajudará a criança a conhecer, sensorialmente, as formas musicais, desenvolvendo o seu gosto estético.

A criança e a música

A criança tem o primeiro contacto com os sons nos últimos meses de vida intra-uterina, altura em que já lhe é sensível. Assim, a música que ouve nesta altura terá um papel muito importante no desenvolvimento da sua memória musical. Depois de passar do meio líquido ao gasoso, a criança tentará reconhecer os sons que aprendeu e apreendeu durante a gestação¹². Embalar a criança com um canto, sobretudo se for o mesmo canto, leva a que esta desenvolva o seu sentido rítmico associado ao balanço e ao som. É a impressão de segurança dada pela ligação entre o som e o colo materno, é a magia do ritmo (que anestesia) ligada ao som (música) que consola¹³.

As crianças, gostam, à partida, de música, aumentando o seu prazer à medida que recebem preparação e formação a nível musical. No entanto, a sensibilização para a música deve ser gradual, começando por fragmentos musicais breves, fáceis de apreender e seguir. O ritmo, elemento primordial da música, adapta-se de forma especial às crianças. O movimento, vital para o ser humano, é vida. É ele que nos permite o conhecimento e o contacto connosco, com os outros, e com tudo o que nos rodeia. A forma como agimos revela o que somos, exprime as nossas convicções, as nossas crenças e os nossos interesses. O corpo pode ser o nosso instrumento, o nosso meio de expressão; o jogo, o movimento, a acção, o ponto de partida para a

¹² É importante que a música que a criança apreendeu antes do nascimento seja repetida durante os primeiros meses de vida até que esta seja capaz de a reconhecer.

¹³ Verificamos que, quando é embalada com uma nova canção, ou a mãe inventa/improvisa no momento de dormir, apesar do elemento formador do sentido rítmico e do estado afectivo estarem presentes, faltará o embrião da memória musical.

espontaneidade. Usando o nosso corpo como meio de expressão, envolvemo-nos totalmente, estando o pensamento, a acção e o sentimento, estreitamente ligados.

Aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons e experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança; os jogos de exploração e vivência musical são pontos de partida para a aquisição de conceitos que enriquecem a linguagem e o pensamento musical. No seu desenvolvimento auditivo, a criança será levada a identificar, reconhecer, memorizar e reproduzir diferentes sons, ou conjuntos de sons, pertencentes ao meio próximo ou à natureza, podendo, ou não, ser isolados. As actividades musicais atenderão à necessidade de participação da criança em projectos que apelem às suas capacidades criativas. Pretende-se também que seja capaz, por si só ou em grupo, de desenvolver projectos próprios, contando com a ajuda do professor na escolha e domínio dos meios. O seu desenvolvimento estético e musical realiza-se assim de uma forma sólida e contínua através do jogo e da descoberta do mundo sonoro que a rodeia.

O papel da música no desenvolvimento da criatividade na criança.

A experimentação e domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz, efectuados através de actividades lúdicas, proporcionam o enriquecimento das suas vivências sonoro-musicais. A participação em projectos individuais ou de grupo permitirá, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas e criativas. A audição, ao vivo ou em gravação, o contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um repertório de canções do património regional e nacional, são referências culturais que a escola deve proporcionar. Voz, corpo e instrumentos, recursos a desenvolver através de jogos de exploração, devem partir das vivências sonoro-musicais, visando o seu domínio, com forte acentuação em actividades lúdicas por forma a evitar situações de puro exercício.

O desenvolvimento da musicalidade, um processo gradual, depende do domínio de capacidades instrumentais, de linguagem adequada, do gosto pela exploração e pela capacidade de escutar. Entenda-se que escutar é um processo pessoal complexo e evolutivo, dependendo da sensibilidade e experiência, actuando como filtro perante o mundo sonoro em que alguns sons despertam especial interesse ou ganham significado.

A musicalidade, bem como as capacidades de dançar ou comunicar pela palavra, encontra-se estreitamente relacionada com o desenvolvimento dessa capacidade. Os jogos de exploração vão, assim, ganhando complexidade, por forma a responder ao desenvolvimento das capacidades musicais referidas. Há que atender à singularidade musical de cada indivíduo, dando-lhe oportunidade de desenvolver, à sua maneira, as propostas e projectos individuais ou do grupo, ou aqueles propostos pelo Educador. Voz, corpo e instrumentos formam um todo, sendo a criança solicitada a utilizá-los de forma integrada, harmoniosa e criativa¹⁴.

Sentir, no corpo em movimento, o som e a música é, na criança, uma forma privilegiada e natural de expressar e comunicar criticamente o que ouve. Todos os matizes sonoros podem, assim, ser vivenciados, sendo, para a maioria das crianças, a melhor forma de sentir e conhecer a música; o movimento, a dança, a percussão corporal, os meios de que o Educador dispõe para desenvolver a sua musicalidade.

A criatividade, a exploração e o desenvolvimento das capacidades musicais de memorização e de interpretação revelam-se fundamentais para o desenvolvimento psicomotor da criança, que deverá ser levada a construir os seus próprios instrumentos musicais. Depois do estudo dos materiais dentro da sala de aula, o Educador proporá a realização de instrumentos. Estudando a composição, a forma, a dimensão, a textura e a maneira de produzir o som, a criança será confrontada com diferentes realidades, optando. Através de materiais simples como a madeira, o metal, o papel, os tubos, as canas, as cordas, as peles, o barro, as garrafas, os paus, as conchas, etc., podem construir-se vários instrumentos de percussão, corda e sopro, utilizando-os em seguida nos projectos propostos.

As qualidades sonoras dos materiais e objectos de jogo são o ponto de partida para os jogos de exploração em que a criança selecciona, experimenta e utiliza o som. Através do manuseamento de materiais com diferentes texturas, espessuras, tamanhos e

¹⁴ Instrumento primordial, a voz é na criança um modo natural de se exprimir e comunicar, marcado pela vivência familiar, o meio e a cultura; a entoação, a extensão vocal, o timbre, a expressão, a capacidade de criar, inventar e reproduzir melodias – com ou sem texto, a aquisição de um repertório de canções, rimas e lengalengas, partes constituintes de um modo individual de utilizar a voz. A dificuldade ou menor interesse por parte da criança por um ou mais elementos referidos, não deve ser entendida como uma menor musicalidade. As situações musicais vivenciadas na escola são a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspectos essenciais da voz, a par com o seu desenvolvimento global.

volumes, pretende-se que a criança adquira o seu conhecimento táctil. Em seguida, batendo-os uns nos outros, de diferentes ângulos, com diferentes intensidades, com ou sem as mãos, utilizando diferentes baquetas, etc., e obtendo sons de diferentes timbres e intensidades, serão convidadas a proferir juízos de valor sobre os sons obtidos e a agrupá-los em função da sua intensidade, timbre, ou rugosidade.

Deve-se, numa segunda fase, proceder à sua classificação. Os sons serão agrupados por categorias conforme os materiais ou a forma como são produzidos.

Ao juntar diferentes elementos e introduzindo-lhe modificações, a criança inicia assim a construção de fontes sonoras elementares. De sua iniciativa, ou por sugestão do Educador, este trabalho confronta a criança com noções básicas, mas essenciais, de acústica musical e física do som. Os brinquedos de cada região, de tradição popular portuguesa, merecem especial referência, pois podem ser integrados nos instrumentos musicais elementares. O recurso a artífices ou a fabricantes de instrumentos e brinquedos será precioso para o Educador.

No caso dos instrumentos musicais construídos pelas crianças, seria interessante, dependendo, no entanto, do seu talento e conhecimentos musicais, proceder à criação de obras próprias; a improvisação, um processo de criação musical. Sendo peças construídas para “novos” instrumentos, poder-se-ia propor a criação do seu próprio sistema de notação musical. Todas estas operações, sendo de uma complexidade bastante elevada, exigem conhecimentos e capacidades várias, utilizadas, adquiridas e/ou desenvolvidas com vista ao seu crescimento global e ao desenvolvimento pleno do indivíduo.

As organizações curriculares e as expressões artísticas

As organizações curriculares reflectem uma preocupação constante na adequação dos Currículos às Práticas Pedagógicas vigentes. Sendo a Prática Pedagógica importante, os objectivos e modelos vigentes são cada vez mais o seu reflexo. Diferentes modelos em diversos países concorrem para a importância de uma grande articulação entre os saberes e competências, nomeadamente ao nível das expressões artísticas. As artes e as expressões, contribuindo de forma diversa e significativa para o desenvolvimento geral da criança, ajudam-na a uma melhor interacção social, coordenação psicomotora, concentração e memória, cooperando de forma única na educação, promovendo a

aprendizagem, a compreensão, o sentimento e o divertimento, adquirindo significado através do jogo, envolvendo as crianças de forma directa e prática na sua realização.

A expressão, libertando a criança interiormente, contribui para a libertação de tensões acumuladas. O Movimento, a Música e o Drama, expressão da linguagem dos sentimentos, têm valor enquanto dura a acção e apenas para quem se expressa.

Através deste estudo, mostrámos o papel das expressões artísticas nos primeiros anos do ensino básico e pré-escolar, confrontando modelos e práticas de formação, dando relevo às mudanças ocorridas na formação inicial de professores com vista à introdução das Expressões Artísticas na escola, utilizando o jogo como forma de veicular esse mesmo saber e valores.

Bibliografia

- ALAIN. *Propos sur l'éducation*, Paris : PUF, 1948.
- AVANZINI, G.. *La pédagogie au 20e siècle*. Toulouse: Privat, 1975.
- BEAUDOT, A.. *La créativité à l'école*. Paris: PUF, 1969.
- CLAPAREDE, E.. *L'école sur mesure*, Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé, 1953.
- DUBORGEL, B.. *Imaginaire et pédagogie*. Paris: Le Sourire qui mord, 1983.
- FERNANDES, G. ; ALÇADA, I., EMÍDIO, M. T.. *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.
- LOTMAN, I.. *La Structure du Texte Artistique*. Paris: Gallimard, 1973.
- ORIOI, N., PARRA, J. M.. *La Expresión Musical en la educación básica*. Madrid, 1979.
- PACHECO, J. A.. *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora, 1996.
- RIBEIRO, A. C.. *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora, 1995.
- SANTOS, J. R.. *O que é a comunicação*. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.